

## “CORPO EM CENA: PERCEPÇÃO, SENTIDOS E EXPERIENCIA”.

(This pdf version contains no images. For the original article go to  
<http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KARPA6.1/Site%20Folder/rita1.html>)

### Rita de Almeida Castro

Universidade de Brasília  
Grupo de Pesquisa Poéticas do Corpo

**Abstract:** The paper presents a reflective approach of two creative processes of the group Teatro do Instante, based on the performative experience, one with the public's presence and another in interaction with the video. The text shows the search for parameters and procedures for the performances realization and the emphasis on body-memory as the focus of imagination activation.

**Keywords:** performance; group; imagination; body; experience.

Trabalho no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília desde 1995. Nos últimos anos venho ministrando a disciplina Teatralidades Brasileiras e a cada semestre discuto com os alunos sobre vários grupos de pesquisa e experimentação brasileiros – grupo Lume vinculado a Universidade de Campinas, grupo Galpão de Belo Horizonte, Teatro da Vertigem dirigido por Antônio Araújo, grupo Macunaíma dirigido por Antunes Filho, grupo Oficina Uzina Uzona dirigido por José Celso Martinez Corrêa, os três últimos grupos com sede em São Paulo, dentre vários outros. Cada vez que eu me aprofundo um pouco mais na análise da trajetória desses grupos, percebo obstinação, coragem e persistência na vivência cotidiana da arte. Fico admirada, perplexa e me vem uma confiança de que é possível fazer teatro coletivamente, apesar das adversidades.

Movida pelas inquietações desses artistas e por mestres inspiradores, veio o desejo de criar um espaço de experimentação do fazer teatral, com artistas pesquisadores, alunos, ex-alunos e professores da Universidade de Brasília. Junto com o desejo vieram as questões. De onde se parte para criar um grupo? Como se constrói uma cultura de grupo? Como se elegem os parceiros de travessia? Como se dá a relação dialógica entre arte e vida?

Concordo com a diretora teatral Anne Bogart (36), que “cultura é experiência compartilhada”. E foi com esta motivação que, em 2009, criamos o grupo Teatro do Instante, núcleo de investigação, pesquisa e experimentação do fazer teatral. O grupo atua como uma linha de pesquisa do Grupo Poéticas do Corpo(1) e pretende ampliar o diálogo entre linguagens artísticas. Nosso espaço de trabalho se chama *Canto das Ondas*, uma pequena sala na minha casa, aberta aos improvisos, experimentos e técnicas de treinamento de atores, músicos, dramaturgistas e um artista computacional.

Elegemos no primeiro trabalho a escritora Clarice Lispector como guia, abertos ao devaneio e às concretudes do ser. Suas múltiplas vozes reverberaram em corpos cênicos e se metamorfosearam no espetáculo *Pulsações*. Segue texto, criado por mim, para o programa da peça *Pulsações*:

Alteridades  
Músicas, danças, dramas

Em cena

Memórias de baús reinventados  
Cheiros, sabores, texturas  
Dramaturgia dos sentidos

Hortelã-pimenta sopra o ânimo  
Laranja traz reminiscências da infância  
Sabor do chicle na esteira da eternidade

Trama de fios tênues e invisíveis tecidos em processos de pesquisa e criação. Espaço de troca e aprendizado comum. Na busca por um trabalho apurado de percepção sensorial, sentimos diferentes cheiros e percebemos o caminho do cheiro pelo corpo. Experimentamos cantar sílabas tibetanas em relação aos chacras do corpo. Elegemos trabalhar próximos a sons de sinos e de fontes d'água – como diz Clarice Lispector: “meu estado é o de jardim com água correndo” – e abrimos espaço para o novo e inusitado, o aqui e agora.

No trabalho do grupo o treinamento tem sido ressignificado, para cada criação elegemos algumas técnicas e aprofundamos outras. Tivemos algumas oficinas intensivas, como o *Seitai-ho*, uma educação corporal de origem japonesa que visa resgatar e manter o corpo sensível, com os artistas Toshi Tanaka e Ciça Ohno, e a *Yoga da Voz*, proposta que explora estilos vocais multiculturais como os sons indígenas, indianos e africanos, com a artista Alba Lírio.

Este espaço de investigação coletivo nos possibilita criar e experimentar metodologias de treinamento para a preparação do ator para a cena teatral e exercitar, a partir dos espetáculos, a recepção com o público.

Compartilho com vocês uma imagem da última cena do espetáculo *Pulsações*, os atores interagem com o público por meio de um grande pano comum, que recebia projeção de imagens que simulavam nuvens por meio da arte computacional(2). Elenco e público eram envoltos em uma mesma ambiência onírica.

Em um segundo momento nos dispusemos a fazer um trabalho de criação em uma perspectiva mais performativa. Como nos apresenta a pesquisadora Josette Féral da Universidade de Quebec (204) “o performer confunde o sentido unívoco – de uma imagem ou de um texto – a unidade de uma visão única e institui a pluralidade, a ambiguidade, o deslize do sentido – talvez dos sentidos – na cena. Esse teatro procede por meio da fragmentação, paradoxo, sobreposição de significados (...)”. Nesta perspectiva há uma ênfase maior nos processos criativos do que no produto final.

Em 2011, Rachel Mendes, uma das atrizes integrantes do grupo Teatro do Instante, desenvolveu o seu projeto teórico e prático de conclusão do curso de pós-graduação em direção teatral, da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes de Brasília, com o nosso grupo, e criamos o trabalho de performance teatral *E Io Quem*.

### **Performance *E Io Quem?*(3)**

Esse processo deu-se a partir do mote da personagem Io, presente na tragédia grega *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo. Gostaria de refletir sobre esse processo, pelo meu ponto de vista, como uma das cinco integrantes da performance. Em um primeiro momento, trabalhamos no espaço

*Canto das Ondas*, sede do grupo Teatro do Instante, e a apresentação deu-se ao ar livre, na fazenda Taboquinha, próxima à cidade de Brasília.

Para que se compreenda o ponto de partida da pesquisa, relatarei brevemente, a partir da narrativa de Junito de Souza Brandão (*Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*), o mito da Io, jovem princesa argiva do reino de Argos. Zeus apaixonou-se por ela, e caso ela não se entregasse a ele, sua cidade e seu povo seriam fulminados. Hera, porém, desconfiou de mais esta aventura do marido. Zeus, então, transformou Io em novilha para fazê-la escapar dos ciúmes da esposa. Hera, desconfiada de Zeus, exigiu que a vaca Io lhe fosse entregue e de imediato a consagrou como sua sacerdotisa, colocando-a sob a vigilância de Argos de Cem-Olhos. A pedido de Zeus, Hermes mata Argos. Então, Hera lançou um moscardo, que, com suas picadelas quase ininterruptas, acabou por enlouquecer Io, a qual reiniciou sua caminhada errante pela Hélade inteira. Na tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, o personagem Prometeu, o profeta, traça para a vaca Io todo o longo percurso de dores e sofrimentos pelo qual ela terá que passar até a sua libertação final no Egito, onde já em sua forma humana, reinará e receberá honras divinas com o nome de Ísis.

A personagem mítica Io nos remete à questão da errância – qual é a nossa errância? O que nos impulsiona a seguir e a transformar-se? De que fugimos?

Quais as singularidades do trabalho performativo? No nosso caso, tínhamos um roteiro prévio, houve um processo anterior de experimentação, visitamos o ambiente da fazenda por duas vezes antes do dia aberto ao público, mas não trabalhamos na perspectiva de ensaios à exaustão.

Tendo o Teatro da Vertigem de São Paulo, com a sua proposta de teatro colaborativo, como referência, realizamos workshops, que se configuraram como cena-resposta a uma questão lançada, composição que era preparada a partir de temas que eram trazidos pela diretora, que nos estimulava a criar e a apresentar para o coletivo de atores.

O sujeito da experiência performativa é catalisador de fluxos e intensidades, coloca-se em situação, e em processo de deslocamento, em relação a si mesmo e a alteridades. Há um entrelaçamento entre percepção, sentidos e experiência. Propulsor de uma exacerbação de estados internos. Há uma processualidade constante, uma não cristalização dos estados, e uma busca de como se manter presente em cena. Há uma questão crucial nas artes cênicas que é o *hic et nunc*, tão propagado por Jerzy Grotowski, em seu teatro-laboratório, e que faz toda a diferença.

A performance é o próprio processo de captação da impermanência, é e não é, não há interesse em reter, capturar para além do próprio instante a experiência performativa, a não ser por meio de registro em fotos e vídeos, mas que jamais darão conta da totalidade do instante. A posteriori não estarão presentes, por exemplo, os 400 receptores olfativos de cada pessoa, presente no evento performativo.

Passamos pela fase de treinamento, como uma ruptura dos padrões cotidianos, experimentamos uma etapa de levantamento de materiais, elaboração de produção de significados e sentidos no espaço de ensaios, e nos colocamos, em um dado momento, em situação de performance, de troca, de experimentação com a presença do outro.

A performance aconteceu, ao longo do caminho, em sete diferentes espaços, concebidos como estações.

Há o tempo dos deuses, a eternidade em que nada acontece, tudo já está lá, nada desaparece. Há o tempo dos homens, que é linear, sempre no mesmo sentido, pois o homem nasce, cresce, é adulto, envelhece e morre. Todos os seres vivos se submetem a isso. Como diz Platão, é um tempo que anda em linha reta. Há, por fim, um terceiro tempo apresentado pelo episódio do fígado de Prometeu. É um tempo circular ou em zigue-zague. Indica uma existência semelhante à da lua, por exemplo, que cresce, morre e renasce indefinidamente. (...) É um tempo do qual os filósofos poderão dizer que é a imagem móvel da eternidade imóvel. (Vernant 77)

Como disse Lévi-Strauss (*As estruturas elementares do parentesco*), o homem é um ser biológico e ao mesmo tempo um indivíduo social. Uma das questões que se apresentaram neste processo de criação da performance é qual a relação que temos com o tempo e os nossos ciclos vitais. Recorro nesse ponto à reflexão da psicanalista e ensaísta Maria Rita Kehl, a partir do pensamento do sociólogo Norbert Elias. Sua obra

compreende a civilização como o resultado da transformação das relações dos homens com os seus corpos. [...] Acostumado a adiar o prazer e a satisfação de necessidades, já não é capaz de desfrutar da sexualidade, do repouso, do ócio e das pequenas sensações provocadas pelo contato com a natureza. [...] Com as revoluções industriais, os corpos foram submetidos a um ritmo mais ou menos uniforme, e o tempo social padronizado substituiu rapidamente o tempo dos ciclos vitais. Desenvolvemos uma capacidade sem precedentes de controlar o ritmo do corpo – sono, fome, carências afetivas e sexuais estão automaticamente submetidos às conveniências do tempo social. A contemplação deixou de fazer sentido. O ócio nos aflige, somos compelidos a “otimizar” os momentos vazios, transformá-los em trabalho ou em consumo de lazer. Com isso banuiu-se da vida o vazio, essencial para as experiências criativas ou para se conhecer o mero prazer de estar aí. Vivemos projetados para o futuro. (252, 256-257)

Esse banimento do vazio da vida – vazio que é essencial para as experiências criativas, como diz Elias – pode ser redimensionado nos contextos performativos. Conectar-se com os relatos míticos, e com a atemporalidade intrínseca a eles, possibilita um exercício de deslocamento por parte do ator/performer. Trabalhamos com depoimentos pessoais como material para a improvisação e nos inspiramos nos relatos míticos, referentes à personagem Io. Mas, quando fomos para a cena, borraram-se as fronteiras entre o que era meu e do outro, entre o que era ancestral e contemporâneo, tudo se atualizou a partir da presença.

Como diz a artista e pesquisadora Eleonora Fabião,

em *Do Ritual ao Teatro*, o antropologista Victor Turner entrelaça diferentes linhas etimológicas do vocábulo “experiência” e esclarece: etimologicamente a palavra inclui os sentidos de risco, perigo, prova, aprendizagem por tentativa, rito de passagem. Ou seja, uma experiência, por definição, determina um antes e um depois, corpo pré e corpo pós experiência. Uma experiência é necessariamente transformadora, ou seja, um momento de trânsito da forma, literalmente, uma trans-forma. As escalas de transformação são evidentemente variadas e relativas, oscilam entre um sopro e um renascimento. (5)

A experiência da cena performativa, de colocar-se em situação em um espaço descampado, sob o sol do cerrado, em interação com o público andante, como em um cortejo, trouxe também essa sensação de deslocamento e atemporalidade.

De que fugimos? Somos corpos em fuga, com nossas próprias errâncias internas e externas, como em uma das falas da minha personagem Io, onde se misturam falas minhas, com fragmentos de Ésquilo, Clarice Lispector, Fernando Pessoa e as provocações da sala de trabalho:

Qual é a minha errância? Imposta, auto imposta. Desejo de libertação. Quais os moscardos que me atormentam? Errância dentro e fora de mim. Nascemos sós, sós morreremos! “Eu no mundo, eu com o outro, eu em parte. Eu ah, eu mim, eu Io, Io ô”. Eu não quero, quero, quero. Sou mortal, perseguida, em fuga por lugares desconhecidos. Não sou nada, nunca serei nada. À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. Como está a minha conexão com os meus instintos? Eu quero o instinto. Me leva meu fluxo. Eu quero o instinto, eu quero o fluxo. Por onde o descaminho me faz rondar sem rumo. (*E Io Quem?*)  
<http://www.youtube.com/watch?v=8gQtSsUGR4M>

O ator Diego Borges, participante da performance *E Io Quem?*, criou uma música a partir das perguntas suscitadas pelo tema *errância*:

Io adonde vás? Io adonde estás? Io o que eu sou.  
Pelos caminhos percorridos, por tanta coisa que vivi.  
Pelos destinos tão sofridos, mas não fui eu quem escolhi.  
A cada passo arrisquei um olhar com esperança.  
E a cada beijo suspirei inocente como criança.  
Io adonde vas? Io adonde estás? Io o que eu sou.  
Deixei a razão de lado, e comecei a vagar sem rumo  
Me disseram que era errado, mas eu já tava pra lá do mundo.  
Pelos amores corrompidos, por toda fé que anunciei.  
Pelos porquês não respondidos. Por toda dor que carreguei.  
Por onde o descaminho me faz rondar sem rumo?  
Io adonde vas? Io adonde estás? Io o que eu sou. (Borges, *Errância*)

Há uma relação entre o ser ficcional que se cria na situação performativa e as referências míticas da personagem Io, que aparece como um mote para se pensar e criar poeticamente a própria errância de cada ator performer.

Participar de um grupo de teatro e colocar-se em situação de troca e compartilhamento é um grande desafio. Algumas questões tornam-se relevantes ao longo do processo de criação, tais como, liberar o que é intrínseco a cada um, sendo receptivo a singularidade da expressão individual e ao mesmo tempo manter-se em um processo dialógico com o outro. Permitir-se ser atravessado, transbordar para si e para o outro, contaminar-se, sem ficar apegado a própria criação. Ser leve e denso, forte e fraco, vulnerável e permeável. Viver as experiências, sem encimesmar-se. Dialogar, trocar com o outro, na cena e em cena.

Acessar, por meio do trabalho de criação, as particularidades internas, sem ficar só no nível do autoconhecimento, mas permitindo-se interagir com o outro. Ao nos propormos a vivenciar as experiências coletivamente, aprendemos diariamente a lidar com a diversidade de visões de mundo que o exercício da alteridade nos traz.

Como acionar pelo corpo-memória vivências antigas sem se prender emocionalmente a elas? Está tudo impregnado no nosso corpo, somos canal e passagem, mas para comunicar-se com o outro temos que lidar com níveis de entrega e recolhimento. Reconhecer que existem as experiências comunicáveis e as incomunicáveis.

A experiência performativa apresenta-se como única e singular e tem uma relação direta com o espontâneo, orgânico, fluido. Pode-se a partir dessa vivência cultivar uma percepção acurada do que ocorre e construir uma experiência compartilhada, com o outro em cena e com o espectador.

Com o desejo de seguir experimentando e desafiando as próprias inquietudes partimos para um outro processo de criação. Elegemos o fragmento *Fui deixando meus corpos pelo caminho*, como título de uma série de quatro vídeos performativos. Refletirei aqui sobre uma dessas experiências em vídeo(4).

### **Fui deixando meus corpos pelo caminho – memórias reinventadas**

"Quando penso no que já vivi me parece que fui deixando meus corpos pelo caminho".

**Clarice Lispector**

A provocação para a criação em grupo, nesse momento, veio da atriz e pesquisadora Alice Stefânia, que sugeriu trabalharmos com performances, que possibilita uma maior liberdade de criação e convida o ator a “estar presente”.

Fizemos um trabalho inicial que desencadeou na criação das performances para vídeo. Quais as singularidades e especificidades da performance para vídeo?

A performance é feita para o vídeo, sem a presença do público. Conta com o olhar de quem filma e edita, e esta é a versão que chegará ao público.

Como nos coloca o filósofo André Comte-Sponville, no seu livro *A Felicidade Desesperadamente* “Somente o presente nos é dado. Mas nesse presente podemos viver certa relação com o passado, uma relação presente com o que já não é presente: a memória”(95).

E é a memória individual e coletiva que ativamos quando nos debruçamos sobre imagens, textos e cartas referentes à nossa própria trajetória individual. Ao costurar em um pano, com linha vermelha, os fragmentos da minha história de vida, estou, ao mesmo tempo, me expondo, me revelando e imiscuindo-me na junção com o outro. As memórias são individuais, compartilháveis e coletivas.

Foram dois momentos: a ação de preparar a performance para ser filmada, o que em si já se configurou como performativo – tínhamos um grande pano bege, éramos quatro atrizes e tínhamos como proposição encontrar imagens, cartas, papéis que narrassem um pouco da trajetória de cada uma; depois nos fechamos na sala de trabalho, por algumas horas, em dias diferentes, e costuramos nossos achados no pano. Inicialmente cada uma em uma ponta do pano até que as pontas se tocaram, já não se sabia mais onde começava e terminava a parte uma da outra. Memórias pessoais transmutadas em experiência coletiva. Em um segundo momento tivemos a ação de nos colocarmos em interação com o pano em situação de performance para a filmagem em vídeo.

Há uma diferença na experiência de realizar a performance no instante e a de contar com o olhar e o crivo de um editor que compõe a cena final editada: o pano e as memórias das quatro mulheres, tecidas em cada parte do grande pano. O que é a memória individual e coletiva nesse contexto? Onde termina a minha memória pessoal e começa a do outro? O tempo da preparação, dias na sala fechada costurando os fragmentos dos eus. Instante performativo para a câmera, em um dia chuvoso, transformação dos materiais, entrada na água, dissolução dos fragmentos de textos e imagens.

O que começa com uma definição de área, cada mulher em um canto do tecido com a sua memória, é deslocado. Os fragmentos de cada uma circulam entre as mulheres e as bordas de cada pedaço de pano se misturam. A ancestralidade de cada uma de nós presente nas imagens, textos e corpos.

Como em uma abordagem fenomenológica, apreendo a experiência em camadas: a própria experiência, o compartilhar a experiência com o outro e o olhar sobre ela.

Encontro ressonância na proposta do grupo Lume de Campinas, nas palavras do ator e diretor Luís Otávio Burnier inspiradas pelo pensamento de Grotowski:

Se o corpo não é tão somente o corpo, mas corpo-em-vida, então ele é o canal por meio do qual o ator entra em contato com aspectos distintos de seu ser gravados em sua memória. O corpo não tem memória, ele é memória, como disse Grotowski. Trabalhar um ator é, sobretudo e antes de mais nada, preparar seu corpo não para que ele diga, mas para que ele permita dizer. Não mostrar o que ele é, mas revelar o que, por meio dele, se descobre ser. Ser artista é antes de mais nada se predispor a revelar. A revelação pede generosidade e coragem. (11)

No campo da antropologia, uma abordagem das técnicas corporais pode ser encontrada na obra de Marcel Mauss. Segundo essa concepção, o corpo é uma construção sociocultural, assim como a noção de pessoa. As técnicas corporais são, elas mesmas, representações sociais. Ao antropólogo cabe ler esses símbolos, compreender a formação dos corpos. As técnicas corporais, transmitidas de geração em geração, formam o ser social. O particular de cada formação sociocultural distingue os homens e suas diversas sensibilidades.

Como pontua a artista Eleonora Fabião, na perspectiva de Espinosa, corpos são vias, meios. Essas vias e meios são as maneiras como o corpo é capaz de afetar e de ser afetado. O corpo é definido pelos afetos que é capaz de gerar, gerir, receber e trocar.

Ao longo de uma existência, quantas personas assumimos como nossas, quantos corpos vamos deixando pelo caminho? A experiência performativa nos permite trabalhar essas dimensões concretamente.

A partir da ação de manipular a linha vermelha e traçar rastros com as imagens e cartas, cria-se um campo de significação da memória e de sentidos. Costurar sendo visto aqui como um ato ancestral, reatualizado no aqui e agora.

Na relação com os objetos, cartas, fotos, o que fica em nós e o que passa por nós? Somos informados pelo mundo, mas o que nos forma, o que é constituinte do nosso ser?

O pano vazio é preenchido de imagens e textos e depois de entrar na água volta a ficar vazio, grande parte do conteúdo se dilui na água. Nessa entrada final no lago, no contato com a água,

aquela que tudo leva, há a dissolução das imagens e textos, restam as marcas. Tanto a performance *E Io quem?* como o vídeo *Fui deixando meus corpos pelo caminho* finalizam na água.

Desde que participei de dois workshops com a diretora Ariane Mnouchkine do *Théâtre du Soleil*, uma questão colocada por ela sobre a necessidade de se ativar o músculo da imaginação me persegue. Como se ativa o músculo da imaginação? E deu-se um desdobramento nesses processos performativos: como se ativa a imaginação a partir da percepção do corpo?

Uma curta, mas intensa experiência de trabalho do nosso grupo com a artista e professora Giselle Rodrigues, da Universidade de Brasília, desencadeou um processo singular de acionar a imaginação pela percepção e ativação dos órgãos internos: onde começam e terminam as fronteiras do corpo? O nosso corpo está impregnado das vivências e experiências, e é a partir do acionar dos estados internos que ocorrerá a interação e a comunicação com o outro. Há o ambiente contextual onde o corpo está inserido e os desdobramentos das experiências sensoriais.

É a memória individual e coletiva que ativamos quando nos debruçamos sobre imagens, textos e cartas referentes a trajetórias individuais. Os fragmentos da história de vida pessoal e das histórias de outros em prol da tessitura de uma construção dramática ficcional. As memórias individuais compartilhadas transmutam-se na experiência coletiva e as fronteiras se fazem borradas.

Como nos diz Bachelard (*A água e os sonhos*), é possível tentar encontrar, por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam; ir à própria raiz da força imaginante. Nesta perspectiva, quanto mais ampliarmos a percepção desses estados internos e a escuta de si e do outro, mais estaremos receptivos a novas e inusitadas experiências performativas.

Efêmero eu  
Rastros, restos, fragmentos  
Memórias, pegadas

Fios que tecem e se entrelaçam  
Tramas  
Fronteiras borradas

## NOTAS:

(1) Coletivo coordenado por mim e pela atriz, diretora e professora Alice Stefânia, registrado no Diretório de Grupos do CNPq.

(2) Criadas pelo artista computacional Carlos Praude, integrante do grupo Teatro do Instante.

(3) Segue link para o vídeo *E Io Quem?*:  
<http://www.youtube.com/watch?v=8gQtSsUGR4M>

(4) Segue link para o vídeo *Fui deixando meus corpos pelo caminho*:  
[http://www.youtube.com/watch?v=6zPdRs77egc&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=6zPdRs77egc&feature=player_embedded)

## Referências Bibliográficas:

Castro, Rita de Almeida. “Corpo em cena: percepção, sentidos e experiência” *Karpa* 6 (2013): n. pag.  
<http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KARPA6.1/Site%20Folder/rita1.html>



Bachelard, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Bogart, Anne. *A preparação do diretor*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Borges, Diego. "Errância". *E Io Quem?* Música a partir das perguntas suscitadas pelo tema errância.

Burnier, Luís Otávio. "A arte do ator. Revista do Lume". *Campinas 2* (1999): 10-11.

Brandão, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1991.

Comte-Sponville André. *A felicidade desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

*E Io Quem?* Teatro do Instante. Direção: Rachel Mendes. Julho de 2011  
<http://www.youtube.com/watch?v=8gQtSsUGR4M>. Published on Apr 1, 2013.

Fabião, Eleonora. "Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea". *Sala Preta* [Revista da Pós-Graduação em Artes Cênicas ECA-USP] (2009): 235-246. Disponível em <<http://revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta/article/view/263>>. Acessado em 18/02/ 2013.

Féral, Josette. "Por uma poética da performatividade: teatro performativo". *Revista Sala Preta* [São Paulo] 1.8 (2008): 197-210. Disponível em <<http://revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta/article/view>>. Acessado em 19/02/2013.

*Fui deixando meus corpos pelo caminho*. Teatro do Instante.  
[http://www.youtube.com/watch?v=6zPdRs77egc&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=6zPdRs77egc&feature=player_embedded)  
Published on Dic 31. 2011.

Grotowski Jerzy; Flaszen Ludwik. *O teatro laboratório de Jerzy Grotowski: 1959-1969*. São Paulo: Perspectiva; SESC; Pontedera: Fondazione Pontedera de Teatro, 2007.

Lévi-Strauss, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

Kehl, Maria Rita. *As máquinas falantes. Novaes, Adauto. O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 243-259.

Lispector, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Mauss Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

Vernant, Jean-Pierre. *O universo. Os deuses. Os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.